

No Japão, Zélia fala grosso contra os EUA.

PAULO SOTERO, DE NAGOYA

O estilo roxo da nova retórica oficial foi usado ontem pela ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, no primeiro dia da reunião do BID no Japão, para registrar o veemente protesto do governo brasileiro contra o bloqueio de um empréstimo de US\$ 350 milhões do banco para o País.

Foi provavelmente o mais duro discurso já feito por um representante do Brasil num foro internacional. Zélia denunciou a iniciativa das potências industrializadas, articuladas pelos EUA, e, no embalo, aconselhou Washington a seguir o conselho que costuma dar ao Brasil e ajustar sua própria economia.

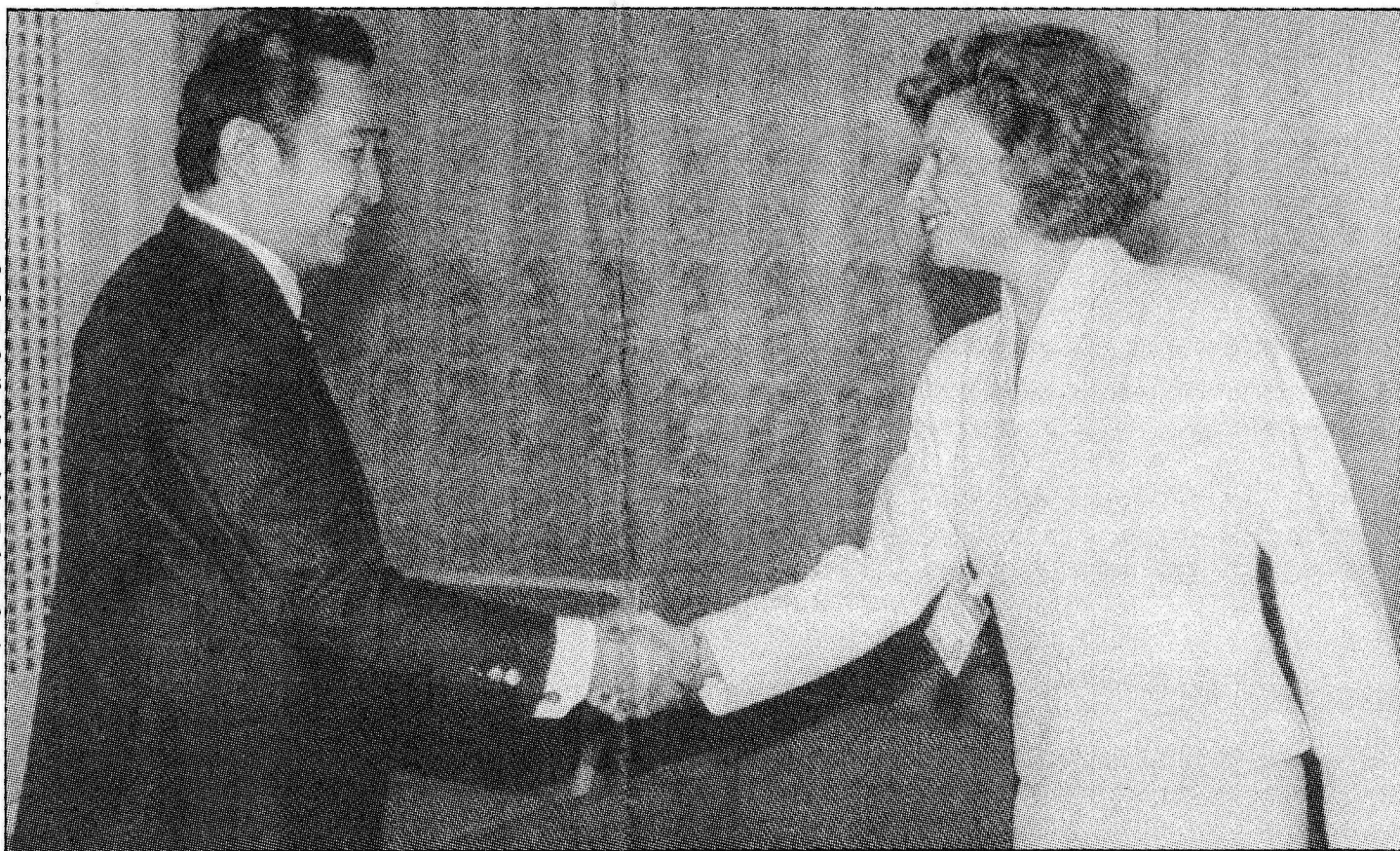
A ministra classificou a pressão de inaceitável, lembrou que o Brasil está em dia com o banco e agradeceu o apoio que vários países, donos de 57% das ações do BID, expressaram à posição brasileira na reunião da diretoria do banco, no final de março, na qual o empréstimo foi adiado. Não recebeu o apoio público que os países latino-americanos, a começar pelo México, haviam prometido.

O protesto brasileiro levou os americanos a arranjar um motivo mais técnico (um velho problema com a licitação internacional de serviços e obras em contratos de projetos financiados pelo BID) para justificar sua ação, tomada para pressionar o Brasil a fechar um acordo sobre os juros atrasados com os credores, em Nova York.

Mas não produziu o resultado prático desejado. É possível que o crédito do BID, destinado a um projeto de saneamento, seja aprovado hoje numa reunião extraordinária dos diretores da instituição, em Nagoya. O subsecretário do Tesouro dos EUA, David Mulford, que orquestrou a ação contra o Brasil, garantiu, que o empréstimo só será desbloqueado depois que o acerto dos juros atrasados com os bancos for anunciado.

Segundo Zélia, o acordo está praticamente concluído. A dificuldade pendente é técnica e foi levantada por bancos alemães, que querem que o Brasil honre cláusulas sobre conversão de dívida do último acordo de reestruturação da dívida, de 1988.

A ministra Zélia Cardoso de Mello cumprimenta o ministro japonês das Finanças, Ryutaro Hashimoto, com quem se reuniu em Nagoya, onde se realiza a reunião anual do BID.



Sem diálogo

A trombada entre o Brasil e os EUA no BID certamente não aumentou o apetite de nenhum dos dois lados para a retomada do diálogo. Zélia e Mulford marcaram uma reunião ontem, mas deram um jeito de não se achar no moderno palácio de congressos de Nagoya, um lugar difícil de alguém se perder. Segundo um funcionário da delegação brasileira, Mulford pediu para ver a ministra, mas não apareceu ou chegou tarde. Zélia disse que a confusão foi sobre o lugar da reunião. "A pessoa que bateu a minha agenda no micro deve ter errado o número da sala", contou ela.

A ministra teve ontem o primeiro encontro com o ministro das Finanças do Japão, Ryutaro Hashimoto. Ela disse que o encontro foi cordial e que aproveitou a conversa para explicar a falta de pressa do Brasil em negociar um acordo com o Fundo Monetário Internacional. Poucas horas antes, perguntado pelo JT sobre o estado das relações entre Tóquio e Brasília na área financeira, Hashimoto resumira sua resposta a uma frase que indica uma nova zona de pressão sobre o governo Collor: "Nós consideramos muito importante que o Brasil chegue a um acordo com o FMI."